Anais do XIV Colóquio Internacional "Educação e Contemporaneidade"
24 a 25 de setembro de 2020

Volume XIV, n. 16, set. 2020
ISSN: 1982-3657 | Prefixo DOI: 10.29380

Eixo 16 - Educação e Saúde

Editores responsáveis: **Veleida Anahi da Silva - Bernard Charlot**
DOI: http://dx.doi.org/10.29380/2020.14.16.02
Recebido em: **31/08/2020**
Aprovado em: **03/09/2020**

Comportamento autodestrutivo e a saúde de adolescentes em ambiente escolar.

CARINE DE MIRANDA SANTOS
https://orcid.org/0000-0002-8506-9298

RESUMO

Este artigo busca refletir a escola como um ambiente em que os estudantes apresentam as suas fragilidades emocionais. Debatemos sobre os conflitos que comprometem diretamente a saúde emocional desses indivíduos através de vivências em escolas públicas de classes populares e de estudos bibliográficas. Podemos refletir e levantar discussões sobre os conflitos e as ações autodestrutivas que representam práticas cada vez mais frequentes entre adolescentes. Ações autodestrutivas causam prejuízos à autoimagem através de pensamentos de fraqueza, falta de capacidade, inteligência e a existência de ideação suicida, ou mesmo, o desencadeamento de ações que geram algum tipo de dano físico como as mutilações.

Palavras-chaves: Adolescência, saúde emocional, auto-dano, escola.

ABSTRACT

This article seeks to reflect the school as an environment in which students present their emotional weaknesses. We discussed the conflicts that directly compromise the emotional health of these individuals through experiences in public schools of popular classes and bibliographic studies. We can reflect and raise discussions about conflicts and self-destructive actions that represent increasingly frequent practices among adolescents. Self-destructive actions cause damage to self-image through thoughts of weakness, lack of ability, intelligence and the existence of suicidal ideation, or even the triggering of actions that generate some type of physical damage such as mutilation.

Keywords: Adolescence, emotional health, self-harm, school.

RÉSUMÉ

Cet article cherche à refléter l'école comme un environnement dans lequel les élèves présentent leurs faiblesses émotionnelles. Nous avons discuté des conflits qui compromettent directement la santé émotionnelle de ces individus à travers des expériences dans les écoles publiques de classes populaires et des études bibliographiques. Nous pouvons réfléchir et susciter des discussions sur les conflits et les actions autodestructrices qui représentent des pratiques de plus en plus fréquentes chez les adolescents. Les actions autodestructrices causent des dommages à l'image de soi par des pensées de faiblesse, un manque de capacité, d'intelligence et l'existence d'idées suicidaires, ou même le déclenchement d'actions qui génèrent certains types de dommages physiques tels que la mutilation.

Mots clés: adolescence, santé émotionnelle, automutilation, école.

INTRODUÇÃO

Este artigo busca discutir sobre os números alarmantes relacionados ao comprometimento da saúde emocional entre adolescentes em idade escolar. Pensamos ser necessário que pesquisadores, professores, gestores, estudantes e toda a comunidade escolar ofereçam contribuições para a compreensão desse fenômeno complexo que vivenciamos na atualidade. O comportamento autodestrutivo é uma perturbação grave crônica que frequentemente resulta em riscos físicos, sociais e educacionais significativos.

Sabemos que a adolescência é compreendida como uma fase de transição da infância para a vida adulta, caracterizada como um período de muitas transformações físicas e emocionais que provocam conflitos e angústias. Estudos afirmam que a cada dia é mais frequente o sentimento de baixa estima entre adolescentes. Estamos falando da falta de confiança em si mesmo (a), que termina por limitar as relações interpessoais, o estímulo pelos estudos, chegando até a gerar um sentimento de repulsa em relação a si próprio (a).

A cada dia a adolescência ganha maior complexidade, há duas décadas, quando se pensava em saúde na escola falava-se na orientação dos estudantes contra a gravidez na adolescência, o uso de drogas e sobre uma alimentação saudável. Agora, além dessas preocupações, precisamos compreender que a saúde emocional é uma questão urgente na atualidade.

A escola precisa estar atenta aos muitos sofrimentos que são gerados socialmente e que comprometem a saúde desses indivíduos. As redes sociais, a ideia de um corpo perfeito, questões de gênero, raciais, entre outros, ainda representam uma espécie de enfrentamento diário para muitos jovens. Pesquisas apontam que a carência em alguma dessas áreas pode gerar falta de pertencimento social, baixa autoestima e descrença em um futuro melhor, levando, possivelmente, os jovens ao auto-dano.

Ao pensarmos no sofrimento social entre os adolescentes, certamente, estamos situando-os em um tempo e espaço que os aproximam pelas semelhanças de histórias de vida. O contexto que buscamos para a presente pesquisa diz respeito aos adolescentes contemporâneos, moradores de áreas periféricas de Salvador, em sua maioria negra, estudantes de ensino médio de escolas públicas. Contudo, devemos levar em consideração, também, as características que os diferenciam, como as construções e experiências familiares, condição econômica e social, de gênero e de raça/etnicidade, entre outras.

A escola, infelizmente, ainda é um espaço em que muitos estudantes, professores e gestores, externalizam todo tipo de preconceito e intolerância, potencializando os conflitos emocionais dos jovens que são encarados como “inadequados” por não possuírem o perfil socialmente aceitos como “ideal”. Não é fácil reconhecermos que jovens ainda se sintam inadequados ou desconfortáveis em determinados espaços sociais, e quando esse espaço é a escola, a situação se mostra ainda mais grave.

ADOLESCÊNCIA E CONFLITOS CONTEMPORÂNEOS

Ao refletirmos sobre a vida dos adolescentes na sociedade contemporânea precisamos estar atentos a uma série de questões simbólicas e materiais que envolvem a vida desses indivíduos e que contribuem profundamente para a construção de sua juventude. Neste artigo, em alguns momentos, utilizaremos os termos adolescência e juventude como sinônimos, mesmo sabendo que a juventude nos remete a maiores significações e compreensões, muitas vezes, subjetivas.

Segundo Pais (2006), ao falarmos de juventude de classe média ou popular, operária ou estudante, estamos nos referindo à juventude no sentido de "diferente". Ela aparece socialmente dividida, em função de seus interesses, das suas origens sociais, das suas perspectivas e aspirações. Assim, jovens que pertencem às classes sociais diferentes, mesmo que estejam na mesma cidade, possuem padrões comportamentais e emocionais distintos.

Se observarmos os estudos dos movimentos juvenis, percebemos que a depender das classes sociais e dos períodos históricos, as reivindicações eram bem diferentes. Os jovens da década de 60 no Brasil, se organizavam em movimentos com algum engajamento político e ações ligadas a estilos musicais como o *rock* na tentativa de afirmarem seus modos de vida, suas formas de vestir e pensar, ao mesmo tempo em que questionavam alguns valores sociais. Esses grupos eram marcados pela presença de jovens de classes médias e altas, em sua maioria estudantes universitários. Já aos jovens das classes populares que participavam de movimentos que buscavam acesso à educação e melhores condições de trabalho, restava uma grande invisibilidade social. Não eram reconhecidos como movimentos juvenis, mas apenas operários. Como se jovens das classes populares se interessassem apenas pelo trabalho.

A partir desses movimentos organizados por jovens de classes médias e altas a juventude passou a ser reconhecida como um grupo de grande mobilização política. Mas não podemos deixar fugir de vista, as reivindicações, muitas vezes, invisibilizadas de jovens pobres e negros durante toda a história dos movimentos sociais. A juventude como um todo contribui para construir a sociedade e é produzida por ela também. Por isso, todo movimento social juvenil deve ser compreendido em sua complexidade, buscando levar em consideração seus aspectos econômicos, sociais e culturais.

> A adolescência é vista em diversas culturas e épocas como importante momento de domínio das regras e dos valores da vida social, de ganho de autonomia, de maturidade física e psíquica e de gradativa incorporação de papéis sociais do mundo. Independentemente das diversas nuances e singularidades transculturais e históricas que possam existir nessa etapa da existência, pode-se considerar que, atualmente, a adolescência é uma fase extremamente especial do desenvolvimento humano. Nesse período, o adolescente vai construindo uma imagem de si e várias competências cognitivas e socioculturais rumo à inserção nas relações da sociabilidade adulta. (Impacto da violência na Saúde, 2005: p. 80).

São muitas as correntes teóricas e pesquisadores das áreas das Ciências Sociais, da Psicologia, da Educação, do Direito, entre outros, que fazem diferentes recortes sobre as juventudes e buscam compreender as questões históricas e contemporâneas que giram em torno desses sujeitos. Segundo Bourdieu (1983), sempre existirá alguém considerado mais jovem ou mais velho a depender da idade que tenha, a depender das questões culturais e do período histórico do qual se fala. Além do que, experiências socialmente marcadas por ambiências em desigualdades, como por raça, classe, gênero e sexualidades, repetimos, condicionam processos de maturidade e vivências que se afastam de idealizações sobre tal ciclo de vida.

Gilberto Velho (2003), ao tratar das questões relacionadas as escolhas dos jovens, esclarece que nenhum sujeito está isento do meio e das experiências que têm ao longo da vida. As vivências de grande parte dos indivíduos estão repletas de condicionamentos e determinações sociais. Ele chama de campos de possibilidades circunscrito. Este campo pode impulsionar certos indivíduos a emoções que geram otimismo e sentimento de pertença enquanto outros podem ser "direcionados" às emoções

que os limitem. A questão da expectativa de um futuro é apresentada por Velho como sendo uma capacidade que os indivíduos desenvolvem para a realização de objetivos, tomadas de decisões, esquematizando um caminho para a concretização de sonhos.

Os adolescentes, estudantes do ensino médio de escolas públicas, aos quais nos direcionaremos neste artigo, assim como grande parte dos indivíduos nessa fase da vida, se vêm com dificuldades quando o assunto é lidar com as próprias emoções. A vida em grande parte dos bairros periféricos das grandes cidades tende a limitar as experiências infantis e juvenis, dificultando o acesso desses indivíduos a vivências como o lazer, a educação, a saúde e a segurança. O conhecimento de outras áreas da cidade, condições que contribuiriam para a ampliação de visão de mundo desses futuros adultos, quase sempre é tomado pela estranheza das pessoas do "centro", que não se sentem confortáveis com a presença de "figuras" da periferia.

Segundo Santos (2017) alguns desses jovens afirmam que o *Shopping Center* é um dos espaços mais desejados eles, e é nesse mesmo espaço que esses jovens percebem, fortemente, a barreira social que existe entre eles e outros indivíduos. Segundo esses jovens, ao serem notados por frequentadores e acompanhados por seguranças nos *shoppings*, eles (as) têm a impressão de que não fazem parte daquele lugar.

> Entre 2013 e 2014, houve em grandes cidades brasileiras um fenômeno que ficou conhecido como "rolezinho". Jovens, em geral moradores das periferias, organizavam pelas redes sociais grandes encontros em *shopping centers pa*ra passear, namorar, cantar, entre outras coisas. Isso gerou uma reação tanto de frequentadores e consumidos quanto por gerentes desses estabelecimentos, que buscaram impedir esses jovens de frequentarem, em grupos, tais espaços. (ARAÚJO, 2016, p. 331)

Experiências como essa, só aumentam os sentimentos que tendem a criar barreiras para o desenvolvimento de um olhar positivo a respeito de si mesmos. Esses adolescentes dizem estar insatisfeitos consigo mesmos, não conseguem se encaixar nos modelos estéticos, de consumo e escolhas de vida que são socialmente aceitas.

> Tal qual a criança é submetida a um processo de socialização, o jovem está sujeito a normas, regras de comportamento e valores, conforme o contexto social em que vive. A sociedade estabelece alguns papéis a cumprir, atribuindo expectativas e realizações às pessoas em cada circunstância e fase da vida, e algumas dessas atribuições são esperadas aos jovens. (ARAÚJO, 2016, p. 319).

A adolescência, por si só já é uma fase conflituosa, ainda mais quando estamos nos referindo a adolescentes de bairros populares dos grandes centros urbanos, quase sempre cercados por baixa estima e problemas de ordens econômicas, culturais e sociais. A baixa estima prejudica profundamente a formação da auto-imagem desses sujeitos, principalmente em momento tão delicado como a adolescência. Período em que precisam tomar decisões e conquistar determinados espaços sociais, normalmente, grupos que fortaleçam o seu pertencimento a um grupo social, contribuído para o despertar de novos papéis sociais.

> Condições de vida material, dificuldade de acesso a oportunidades sociais e culturais, e fatores motivados pelo imaginário social, como a discriminação e o medo, deixam segmentos da juventude efetivamente mais expostos aos riscos das grandes cidades e da violência estimulada, sobretudo, pela desigualdade social do Brasil (ABRAMOVAY; CASTRO, 2002).

A construção de uma identidade ocorre através do meio social em que o adolescente vive. É

fundamental a contribuição de familiares, amigos e integrantes de outros meios sociais, como colegas de escola, professores, trabalho e lazer. A convivência com esses grupos gera diferentes influencias no desenvolvimento desses sujeitos; ou ajuda o adolescente a construir uma ideia de pertencimento e boa relação consigo mesmo ou cria barreiras e bloqueios de vários âmbitos para a vida presente e futura. Sendo assim, as representações juvenis, ora trazem atributos positivos, relacionados a experiências sociais positivas, ora acentuam uma dimensão negativa, acarretada pelos problemas de falta de autoestima.

> As representações sociais devem ser analisadas criticamente, uma vez que correspondem às situações reais de vida de cada indivíduo. Neste sentido, a visão de mundo dos diferentes grupos expressa contradições e conflitos presentes nas condições em que foram engendradas, tudo isso deve ser considerado. (MINAYO, 2004, p.109).

Segundo Lacerda e Lacerda (1998) a identidade psicológica é resultante da evolução da auto-imagem, originada por identificações de modelos que se fizeram presentes desde o início da vida dos indivíduos, como: pais, irmãos, parentes próximos, professores, outros que por acaso tenham mediado essa construção.

A construção da identidade dos adolescentes é individual e ao mesmo tempo coletiva. O adolescente precisa de referências que são ditadas por pessoas próximas a eles, sendo assim, existe sempre uma preocupação a respeito da imagem que esse adolescente transmite para as pessoas com quem convive. Na medida em que percebem que não apresentam uma imagem "bem vista" pelas pessoas, esses adolescentes tentem a fortalecer a ideia de inadequação social, ou seja, começam a desenvolver uma baixa alta estima.

Infelizmente, muitos dos nossos jovens sofrem pressões e preconceitos de todas ordens. Alguns buscam aderir aos perfis que uma parcela da sociedade espera deles, insistem em demostrar ser o que não são. Por outro lado, os que assumem as suas singularidades diante da sua família, da escola e da sociedade, também sofrem pressões, preconceitos e discriminações. É comum que adolescentes moradores de periferias das grandes cidades, em sua maioria negros, costumem ser vítimas da estigmatização. Ou seja, a violência e as adversidades presentes nos meios em que esses jovens vivem acabam sendo incorporados às representações que a sociedade constrói a respeito deles e de suas formas de sociabilidade. Tudo isso contribui negativamente para a construção da auto-imagem desses adolescentes.

Essa fase da vida é cercada de muitos estímulos, descobertas e conflitos. Existe uma grande necessidade de ser aceito nas diversas esferas da vida social que se abrem nesse período; seja através da aparência, nos esportes, na paquera, na descoberta da vida sexual, ou dos grupos de amizades, consumo, trabalho, família, estudos, etc. O percurso é longo entre sair da infância e ocupar um novo espaço social diante de tantos estímulos, sentimentos e emoções apresentadas na adolescência.

Segundo Bauman (2004), o sentimento de comunidade na contemporaneidade que deveria contribuir para a construção do pertencimento social, anda no sentido oposto, colocando em evidência, a insegurança, o medo, o individualismo e consumismo, dificultando ainda mais o desenvolvimento das crianças e adolescentes em suas comunidades.

Os adolescentes precisam de espaços seguros para se desenvolverem. Por isso, nessa fase da vida são fundamentais os espaços de afeto como o ambiente escolar. A escola, além de apresentar, inevitavelmente, a convivência com diversos conflitos, é também um espaço de cultivo de amizades sadias, cooperação, lealdade e atitudes positivas. Os adolescentes buscam por segurança e autonomia em um espaço que possam desenvolver as suas emoções e percepções a respeito do mundo e de si

próprios.

COMPORTAMENTO AUTODESTRUTIVO E ADOLESCÊNCIA

Não é uma tarefa fácil analisar as dimensões do sofrimento social (humilhações, vergonha, falta de reconhecimento e violências) vivenciados por adolescentes subalternizados. Os efeitos desses sofrimentos, geram comportamentos danosos à saúde física, mental, social e educacional do adolescente. Infelizmente, muitas vezes, o sofrimento não gera visibilidade e cuidado entre os ciclos de convivência, gera ainda mais exclusão. A nossa sociedade não costuma tratar francamente e com atenção os sofrimentos emocionais, a tendência é minimizar esses sofrimentos como uma dorzinha que passa logo, como uma falta de habilidade, incapacidade ou, simplesmente, como coisa da idade.

Carreteiro (2004) identifica dois imaginários prevalentes na sociedade contemporânea: o da excelência e o da inutilidade. O primeiro seria engendrado no imaginário da perfeição, da ideia, do triunfo, de excelência, de qualidade total e em contrapartida, aparecem novas formas de exclusão, produzindo um imaginário de inutilidade, que remetem aos valores de desqualificação, fracasso e falta de inserção e pertencimento. Carreteiro, também faz distinção entre as sociedades modernas marcadas pela figura da "classe social" e as pós-modernas marcadas pela figura do "lugar social". Nas sociedades pós-modernas, existe uma prevalência para o sujeito individual em detrimento do coletivo e que há uma transposição da classe social para a posição social, o que alimenta o individualismo e a valorização das posições ocupadas socialmente.

Neste cenário, destacam-se os valores de inserção social de pessoas de "destaque", com perfis que se destacam por possuírem alguma qualidade exigida pela sociedade contemporânea. Dessa forma, têm surgido novas formas de exclusão, produzindo na sociedade, o imaginário do descartável, comparado com valores de fracasso, de falta de inserção e desqualificação.

Diante de todas essas cobranças por excelência, está o adolescente que não se adequa a esse perfil. Ao experimentar sofrimentos sociais que deixam marcas psíquicas e físicas, esse jovem inicia um ciclo de desfiliação social e esses sintomas são perceptíveis no ambiente escolar. A relação e o desenvolvimento de vínculos entre os adolescentes são de fundamental importância para o desenvolvimento do sentimento de pertencimento dentre do ambiente escolar e também para o desenvolvimento da própria identidade. A diminuição desse vínculo gera uma grande instabilidade no sentimento de pertencimento social.

Segundo Castel (2000), o espaço de existência social que mais cresce é o da desfiliação, que está relacionada às mudanças nas relações de trabalho, nas redes de sociabilidade primária e na forma como emergem rupturas em relação ao status social no qual cada indivíduo deve estar inscrito. A desfiliação denota a não inscrição nas regras da filiação e da reprodução, bem como nas relações sociais convencionadas e hegemônicas, que pode se dar pela negação dos indivíduos ou pela falta de oportunidade deste acesso.

Os comportamentos autodestrutivos na adolescência são desencadeados por eventos e dinâmicas sociais que lhes depreciam e invalidam a importância dos seus códigos sociais e culturais, desqualificando suas experiências vividas. Os sofrimentos e a raiva acumulada geram condutas e pensamentos que tendem a subestimar as próprias potencialidades, esses comportamentos se manifestam de várias formas: desvalorização do corpo físico, relação inadequada com a comida, por excesso ou falta, isolamento e corte com laços afetivos. Geralmente esse afastamento é gradual, primeiro há uma relutância em estar com os outros e, pouco a pouco, isso se traduz em um isolamento progressivo.

Segundo Nunes (2012), os comportamentos autodestrutivos são divididos em comportamentos de

ideação suicida e não suicida. A automutilação está entre os comportamentos não suicidas, mas que geram dano ao corpo físico. Automutilação é um dano deliberado ao próprio tecido corporal sem intenção suicida e que fazem parte de um conjunto de comportamentos auto agressivos, que incluem ações que vão desde a fricção na pele até ao suicídio consumado. Estudos apontam que a automutilação é uma forma de enfrentamento de um problema. O ato de ferir o próprio é uma ação de difícil compreensão e passa a ser cada vez mais estudada. Jovens relatam que o ato de ferir o próprio corpo gera um prazer estranho e um alívio momentâneo ao sofrimento emocional. O que é certo é que o jovem apresenta um desespero tão grande que se sente impotente diante das dificuldades, não encontrando outra solução para o seu sofrimento que não o auto-dano.

Quem tem o comportamento de auto-dano sente que ninguém está disponível para dar apoio emocional compreensão ou afeto. O corpo é utilizado como meio para comunicar algo difícil de articular nos modos convencionais. Observamos que os estudantes que têm hábitos de auto dano tendem a faltar aulas, usar roupas largas com o objetivo de esconder os cortes e mostram-se desmotivados e isolados. Apresenta uma falta de interesse pela própria vida, além dos casos de automutilação, tem crescido entre os adolescentes os casos de suicídio.

O suicídio é um fenômeno complexo que é estudado por muitas áreas do conhecimento, frequentemente, é objeto de estudo da Psicologia, contudo, muitas contribuições são dadas pela Sociologia, na tentativa de explicar qual o papel do social nos sofrimentos psíquicos que levam alguns indivíduos ao suicídio. Desde o final do século XIX, Émile Durkheim (2014), já apontava para a possibilidade de compreendermos o fenômeno do suicídio a partir de dados estatísticos ligados a demografia, sexo, faixa etária, estado civil, condições de trabalho e religião. Os estudas buscavam relacionar o grau de interação social do indivíduo com a sociedade em que pertencia. Provando que os casos de suicídio estão ligados aos padrões e regularidades estabelecidas fenômenos sociais. Todas as vezes que se produzem graves rearranjos no corpo social, sejam eles devido a um súbito movimento de crescimento ou a um cataclismo inesperado, o homem se mata mais facilmente (Durkheim, 2014: 311).

ESCOLA E SAÚDE EMOCIONAL

A definição de emoção não é uma tarefa fácil. Durante muito tempo as emoções ficaram ligadas estritamente a área da Psicologia. Psicólogos como Robert Plutchik, chegam a afirmar que os seres humanos desenvolvem oito tipos de emoções: confiança, tristeza, raiva, aversão, alegria, medo, surpresa e antecipação, e que são através delas que surgem uma infinidade de outras emoções. Segundo ele, as emoções geram sensações físicas e emocionais, provocadas por algum reconhecimento cerebral. Esse reconhecimento é gerado por experiências vividas, é provocado por estímulos sociais e culturais. Daí a necessidade de as emoções serem estudadas para além da Psicologia, partindo também para a Sociologia e Antropologia.

Marcel Mauss (2001), através dos seus estudos relacionados às expressões das emoções que são motivadas por atrações culturais e sociais, demostra o quanto a exibição do sofrimento e da tristeza podem ser movidas por costumes e vivências sociais.

> O ritual oral dos cultos funerários australianos que, num considerável grupo de população bastante homogênea e bastante primitiva, não só o choro, mas também outras expressões orais não são só fenômenos psicológicos e fisiológicos, mas sim fenômenos sociais marcados por manifestações não-espontâneas e de mais perfeita obrigação (MAUSS, 2001: p. 147)

Dessa forma, percebemos o quanto as emoções estão ligadas as vivências sociais, influenciadas pelos grupos de convivências, frustrações e até pelo apelo ao consumo. São inúmeras as motivações que levam os adolescentes a sentirem uma emoção que os levam a agirem ou deixarem de agir a favor de si mesmos. Emoções positivas como a confiança, segurança e amorosidade, tendem a contribuírem para que os adolescentes em idade escolar tenham uma vida mais saudável e consequentemente um pouco mais de otimismo e autoconfiança diante de questões do dia a dia. Já as emoções ligadas ao sofrimento, angústia e medo, geram desconforto e ações menos arriscadas. Infelizmente, tendem a não confiar nas próprias potencialidades.

O ambiente escolar sempre foi encarado como um espaço de socialização e convivência entre as crianças e adolescentes, é um espaço de desenvolvimento de amizades, emoções, afetos e, também, de tensões e conflitos. É na escola que os estudantes, normalmente, deixam transparecer as alegrias, angústias e sofrimentos.

Trabalhando com estudantes entre 13 e 19 anos podemos observar a necessidade que muitos alunos (as) têm de conversar sobre assuntos que não são possíveis no ambiente familiar. Falar sobre projeto de vida, desenvolvimento escolar e escolha profissional já não é a maior necessidade dos adolescentes atuais. Esses meninos e meninas desejam dividir com pessoas de confiança, os seus sentimentos, dúvidas e angústias que parecem muito difíceis de serem compreendidas por eles próprios.

Os profissionais da educação; professores, gestores e coordenadores, presenciam, diariamente, a ausência de estudantes em sala de aula e a evidente desmotivação pelas atividades curriculares. Essa é uma questão antiga, mas que ganha novas configurações nas últimas décadas, visto que, grande parte dessas faltas e desmotivações estão relacionadas aos sentimentos de tristeza, desânimo e depressão que compromete a saúde desses estudantes. Por conta de uma infinidade de causas geradas socialmente, como vivências discriminatórias e preconceituosas de várias ordens, violências domésticas e urbanas, fracasso escolar, entre outras, produzem um grande mal-estar e sofrimento nesses indivíduos. Em grande parte dos casos o fracasso escolar e o adoecimento emocional levam esses adolescentes a um processo de isolamento.

Para Parreira (2019), alguns tabus e mitos precisam ser desvendados e desconstruídos. Os nossos estudantes estão adoecendo calados. Externalizam de formas simbólicas as suas dores, mas não encontram espaço para o diálogo, orientação e apoio. Os adolescentes têm necessidade de serem vistos de forma integral e não apenas pelo seu desempenho escolar e pelo bom comportamento dentro da sala de aula. Um olhar mais sensível, pode fazer com que a escola identifique o que faz com que alguns estudantes não tirem boas notas, ou sobre o seu comportamento agressivo ou isolado em sala de aula.

Ao desenvolver um olhar mais sensível para o seu estudante, não significa que a escola estará trabalhando com base na permissividade ou na aceitação de algumas condutas prejudiciais, tanto para a comunidade como para o próprio aluno. Segundo Assis e Avanci (2004), não é que não seja permitido apontar determinadas condutas, mas, que antes de fazê-lo é necessário refletir sobre como esta virá a ser realizada de forma construtiva. Pois quando mal elaborada pode ser compreendida como uma ação desqualificadora, que poderá comprometer a auto-imagem, e então, atrapalhar a noção de identidade até o presente momento, refletindo negativamente até mesmo no âmbito escolar e familiar como consequência.

> Hoje em dia, tem-se a clareza que a população adolescente e jovem sobretudo aquela com maior grau de vulnerabilidade, tem sua saúde e sua aprendizagem comprometida por razões de discriminação e preconceito relacionados a sua condição social, crença, sexualidade, etnia e gênero que sofrem em diferentes espaços sociais. (PARREIRA,2019).

O caminho de sofrimento percorrido por esses jovens é longo até que tomem coragem de buscar a ajuda de algum amigo, professor ou familiar. É cada vez mais frequente adolescentes receberem diagnósticos de transtornos de ansiedade, síndrome do pânico e até mesmo depressão. Alguns desses casos são encaminhados para os serviços especializados de saúde pela própria escola com o conhecimento dos familiares e do próprio estudante.

Ficamos aliviados quando sabemos que alguns desses adolescentes já receberam um diagnóstico e estão em tratamento, mas são muitos os estudantes que ainda não tiveram a oportunidade de receber uma ajuda profissional, que ainda não foram notados pela comunidade escolar ou que, simplesmente, não se deram conta da gravidade do problema. Muitos jovens escondem dos adultos mais próximos os seus sofrimentos, até mesmo aqueles que praticam o auto-dano, chegando ao extremo da mutilação superficial de partes do próprio corpo, tendem a esconder as feridas para que não sejam descobertos.

1. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os conflitos da adolescência que antes eram vistos como falta de maturidade, “birra” ou egoísmo, agora, ganham novas proporções na contemporaneidade, os comportamentos autodestrutivos representam um problema de saúde pública. A depressão e o suicídio entre jovens têm crescido em todo o mundo, e apesar de algumas iniciativas na busca da prevenção, esse problema ainda é pouco compreendido por especialistas, principalmente, pelos profissionais da educação, infelizmente, o assunto ainda é tratado como um tabu por algumas pessoas.

Não podemos deixar de evidenciar que a escola é um importante lugar em que os adolescentes exercem suas diferentes formas de socialização, a sala de aula é um campo, profundamente, fecundo para a compreensão da vida social que envolve os estudantes. As experiências compartilhadas por meio desse ambiente dão visibilidade às diferentes necessidades e realidades vividas pelos participes.

Este artigo nos aproxima da trise realidade de baixa estima e de auto dano entre estudantes das classes subalternizadas. Essas juventudes das áreas periféricas das grandes cidades, precisam de apoio de toda a comunidade escolar para que possam reconhecer positivamente as suas formas de ser de se expressar ao ponto de poderem ocupar novos espaços, buscando a valorizar das suas expressões e valores culturais.

Os adolescentes têm a família – escola- como um dos principais modelos para a vida em sociedade, portanto, quanto mais estes modelos de educação forem coerentes e participativos, maiores serão as chances de que os adolescentes atinjam a idade adulta de forma mais saudável. Na medida em que a comunidade escolar reflete e busca proteger a saúde emocional de seus jovens, abre espaço para a criação de estratégias mais efetivas de prevenção e enfrentamento desse problema. O silenciamento e a falta de envolvimento dos profissionais da educação, definitivamente, não é o melhor caminho.

Temos a impressão que diante da complexidade do assunto, o silêncio ainda é encarado como uma proteção, tanto de quem passa pelo problema, quanto de quem acompanha de perto. A sociedade precisa aprender a não silenciar, os adolescentes estão adoecendo e os profissionais da educação, da saúde, as famílias e todas as instituições sociais como um todo, precisam se mover em busca de meios efetivos de prevenção e tratamento.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G. **Juventude, Violência e Vulnerabilidade Social na América Latina: desafios para as políticas públicas**. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ARAÚJO, Maria de Silva. **Sociologia**. São Paulo: Scipione, 2016.

ASSIS, Simone; AVANCI, Joviana. **A visão que os adolescentes têm de si**. In: Labirinto da auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004.

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: **Sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **A juventude é apenas uma palavra.** Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros.** Brasília, 2005.

CARRETEIRO. Teresa. C. **Sofrimentos sociais em debate**. Universidade Federal Fluminense, Psicologia,2003.

CASTEL, Robert. **As armadilhas da exclusão**. In BELFIORE-WANDERLEY, Mariângela; BÓGUS, Lucia; YAZBEK, Maria Carmelita (Orgs.). Desigualdade e a questão social. 2. Ed. São Paulo: EUC, 2000. p. 17-49

DURKHEIM, E. **O suicídio: estudo de sociologia**. São Paulo: Edipro, 2014 [1897].

MAUSS, Marcel. **A Expressão Obrigatória dos Sentimentos**. in *Ensaios de Sociologia* .São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

MINAYO, Maria Cecília S. **O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica**. In: GUARECHI, Pedrinho A. e JOVCHELOVITCH, Sandra. Textos em representações Sociais. Petrópolis - RJ: Vozes, 1994.

NUNES, Caroline P. S. **Auto-Dano e ideação suicida na população adolescente: aferição do questionário de impulso, Auto-dano e ideação suicida na adolescência (QIAIS-A).** Dissertação de Mestrado (Universidade dos Açores), Ponta Delgada, 2012.

PAIS, José Machado. **Buscas de si: expressividades e identidades juvenis.** In: Culturas Juvenis: novos mapas do afeto. ALMEIDA, Isabel e EUGÊNIO, Fernando (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PARREIRA, Clélia. O adolescente por ele mesmo. Curso Javi: Educação em Saúde. Módulo 2: Saúde na escola. Brasília: UNB, 2019

SANTOS, Carine de M. **Jovens de famílias de classes populares de Salvador e suas representações sociais sobre a violência apresentada no telejornalismo policial** – Dissertação de Mestrado (UCSAL), Salvador, 2016.

VELHO, Gilberto. (2003). ***Projeto e metamorfose.*** Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Carine de Miranda Santos é Cientista Social (UFBA), Mestre em Família na Sociedade Contemporânea (UCSAL), Especialista em Metodologia de Pesquisa (UNEB), professora de Sociologia no Ensino Médio na Rede Pública do Estado da Bahia e Formadora do PARFOR pela Universidade Estadual de Feira de Santana. (E-mail: carine.mir123@gmail.com).